

A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

**Maria Izabel Machado
(Organizadora)**



A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

**Maria Izabel Machado
(Organizadora)**



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S678	<p>A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-863-2 DOI 10.22533/at.ed.632192312</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Comportamento humano. 3. Desenvolvimento humano. 4 Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Machado, Maria Izabel.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2* nos convida a refletir sobre um conjunto de fenômenos contemporâneos em diálogo com múltiplos saberes e perspectivas, razão pela qual os capítulos que seguem estão organizados por afinidade temática e/ou metodológica.

O primeiro eixo nos permite compreender as questões acerca do desenvolvimento humano desde a perspectiva da infância. Seja em espaços urbanos ou rurais, no campo ou na cidade, as crianças ganham centralidade nas análises desde seus saberes, redes, brincadeiras e subversões.

Das fricções entre o urbano e o rural que também colocam em tensão saberes técnicos e locais somos convidados a pensar abordagens sociológicas para os desastres ambientais que deem conta da complexidade em que se imbricam interesses econômicos, defesa do meio ambiente e a vida das populações atingidas pelos desastres.

O terceiro e último bloco de capítulos oportuniza tanto o acesso a temas atuais da sociologia como as migrações e os choques culturais decorrentes desses processos, quanto um apanhado metodológico que envolve diversos caminhos e técnicas de pesquisa, sejam elas centradas nos sujeitos ou nas estruturas e processos sociais de acumulação de poder e capital.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO URBANO E DO RURAL	
Gerson Luiz Buczenko	
Maria Arlete Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.6321923121	
CAPÍTULO 2	12
TRANSPORTE ESCOLAR E INFÂNCIA DO CAMPO: AS VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS RIBEIRINHAS DE UMA ESCOLA NO RIO UAICURAPÁ/ PARINTINS - AMAZONAS	
Kilsimara Nascimento Ribeiro	
Gyane Karol Santana Leal	
Rosaria Jordão Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.6321923122	
CAPÍTULO 3	23
SUBVERSÕES DO BRINCAR: DISPOSITIVOS NA INFÂNCIA FRENTE AS NORMATIZAÇÕES INSTITUCIONAIS	
Giovana Glaucia Fernandes	
Natasha Carolina da Costa Carreño Baeta	
Rafael Delaguardia Felix	
Ricardo Lopes Correia	
DOI 10.22533/at.ed.6321923123	
CAPÍTULO 4	34
EPISTEMOLOGIAS DO SUL: INFÂNCIAS E CANDOMBLÉ NA CIDADE DE SÃO PAULO EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA ARTEIRA	
Ellen Gonzaga Lima Souza	
Gabriela Tebet	
Antônio Paulino de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6321923124	
CAPÍTULO 5	43
O BAIRRO A PARTIR DE UM PASSEIO DE ÔNIBUS: EXPERIÊNCIAS DE CRIANÇAS E SOBRE A INFÂNCIA NO ESPAÇO URBANO	
Zuleica Pretto	
DOI 10.22533/at.ed.6321923125	
CAPÍTULO 6	56
O LUGAR SOCIAL DA CRIANÇA RIBEIRINHA DA AMAZÔNIA MARAJOARA	
Simei Santos Andrade	
Magali dos Reis	
Laura Maria Silva Araújo Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6321923126	
CAPÍTULO 7	67
PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E SABER LOCAL NA GESTÃO DO DESASTRE DA REGIÃO SERRANA (RJ): UM ESTUDO DE CASO	
Maria Suellen Timoteo Correa	
DOI 10.22533/at.ed.6321923127	

CAPÍTULO 8	79
REPARAÇÃO DE DANOS NO DESASTRE DO RIO DOCE, PARTICIPAÇÃO E ATORES SOCIAIS	
Aloisio Ruscheinsky Manoella Treis	
DOI 10.22533/at.ed.6321923128	
CAPÍTULO 9	92
A CENTRALIDADE DAS RELAÇÕES NO COTIDIANO DE UMA INSTITUIÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	
Alessa Cristina Pereira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6321923129	
CAPÍTULO 10	105
MIGRAÇÕES INTERNAS E A EMERGÊNCIA DE DISPUTAS SIMBÓLICAS NO RIO GRANDE DO SUL	
Pedro Francisco Marchioro Talita Cristine Rugeri Lorena del Pilar Pereda Cordova	
DOI 10.22533/at.ed.63219231210	
CAPÍTULO 11	118
ANÁLISE DE QUESTÕES DE SOCIOLOGIA DO ENEM (2015): REFLEXÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS E POLÍTICAS	
Ozaias Antônio Batista Maria Genilda Marques Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.63219231211	
CAPÍTULO 12	134
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA (INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES): PROSOPOGRAFIA E CONEXÕES POLÍTICO-FAMILIARES	
Mônica Helena Harrich Silva Goulart Ricardo Costa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.63219231212	
CAPÍTULO 13	152
PALMYRA WANDERLEY NA REVISTA VIA-LÁCTEA DE 1914-1915: ESCRITA E POESIA NA EDUCAÇÃO DA MULHER POTIGUAR	
Maria Joseane Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.63219231213	
CAPÍTULO 14	164
A CULTURA CONSERVADORA DE GUARAPUAVA, FRENTE AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E TECNOLÓGICO	
Marco Aurélio Silva Antonio Costa Gomes Filho	
DOI 10.22533/at.ed.63219231214	

CAPÍTULO 15	175
A SOCIEDADE DE MERCADO NO SÉCULO XXI E SEUS DESAFIOS: TRABALHO, PRODUTIVIDADE E DESEMPREGO	
Nelton Moreira Souza Eliete Barbosa de Brito Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63219231215	
CAPÍTULO 16	189
AS MULHERES NAS PRISÕES BRASILEIRAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	
Ivaneide Nunes Paulino Grizente Regina Maria Macedo Costa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.63219231216	
CAPÍTULO 17	196
AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISES DO CAMPO CIENTÍFICO E O ESTUDO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	
Renato Ribeiro Daltro	
DOI 10.22533/at.ed.63219231217	
CAPÍTULO 18	201
PRÁTICAS SOCIOINFORMACIONAIS EM AMBIENTES DIGITAIS E A CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS CRÍTICAS EM INFORMAÇÃO	
Edvaldo Carvalho Alves Fellipe Sá Brasileiro Daniella Alves de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.63219231218	
SOBRE A ORGANIZADORA	218
ÍNDICE REMISSIVO	219

PRÁTICAS SOCIOINFORMACIONAIS EM AMBIENTES DIGITAIS E A CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS CRÍTICAS EM INFORMAÇÃO

Data de aceite: 22/11/2019

Edvaldo Carvalho Alves

Doutor em Ciências Sociais e Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). edvaldocalves@gmail.com

Fellipe Sá Brasileiro

Doutor em Ciência da Informação e Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). fellipesa@hotmail.com

Daniella Alves de Melo

Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). dame_18@hotmail.com.

RESUMO: Analisa como as Práticas Socioinformacionais, desenvolvidas em ambientes digitais, pelas Feministas Negras, que atuam na Bamidelê, têm contribuído para a construção de Competências Críticas em Informação, que as possibilitam orientar suas ações de enfrentamento às relações de dominação/submissão de gênero e étnico/raciais. Para tanto, foi realizada, inicialmente, uma relação entre os conceitos de Práticas Informacionais com o que estamos chamando de Práticas Socioinformacionais em seguida apresentou-se uma breve explicação do que

vem a ser a Competência Crítica em Informação para, por fim, compartilharmos os resultados da pesquisa empírica. É um estudo realizado por meio de pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, onde os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas. Trata-se de uma pesquisa correlacional, que relaciona os conceitos de Práticas Socioinformacionais e Competência Crítica em Informação. Os dados da pesquisa foram analisados por intermédio da análise temática de conteúdo, através da técnica de categorização, utilizando as categorias analíticas abordadas no trabalho. Concluiu-se, principalmente, que a Competência Crítica em Informação é construída ao longo da vida dos sujeitos, tanto em espaços institucionais, como também em espaços alternativos, por meio do fortalecimento em grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas Socioinformacionais. Competências Críticas em informação. Feminismo Negro.

ABSTRACT: It analyzes how the Socioinformational Practices, developed in digital environments, by the Black Feminists, who work at Bamidelê, have contributed to the construction of Critical Information Competences, which enable them to guide their actions to cope with gender and ethnic domination / submission relations. racial. To this end, a relationship was initially made between

the concepts of Informational Practices and what we are calling Socioinformational Practices, followed by a brief explanation of what the Critical Information Competence is, in order to share the results of empirical research. It is a study conducted through field research, with qualitative approach, where data were collected through semi-structured interviews. This is a correlational research, which relates the concepts of Socioinformational Practices and Critical Competence in Information. The research data were analyzed through thematic content analysis, through the categorization technique, using the analytical categories addressed in the work. It was concluded, mainly, that the Critical Competence in Information is built throughout the subjects' life, both in institutional spaces, as well as in alternative spaces, through group strengthening.

KEYWORDS: Socioinformational Practices. Critical skills in information. Black feminism.

1 | INTRODUÇÃO

A atuação de mulheres e negros/as na construção da sociedade e do conhecimento, historicamente, sempre foi invisibilizada. Acreditava-se numa História única, linear e progressiva, onde os principais atores eram homens brancos e, predominantemente, europeus. Assim, esse caráter universal que foi atribuído ao sujeito histórico, reforçou a imagem da mulher como marginalizada e do/a negro/a como raça inferior, o que acarretou um significativo retardo na representação histórica desses grupos.

No entanto, vários acontecimentos no século XX contribuíram para que mulheres e negros/as saíssem das sombras da exclusão e passassem a protagonizar sua própria história. Assim, segundo Rocha (2000), eles fizeram um barulho suficiente para ameaçar a ordem que os excluía, impondo aos investigadores sociais questões que deveriam ser consideradas “sob o risco de – com a manutenção do *status* de neutralidade de mais de dois terços da humanidade – se estar produzindo ficção no lugar de saber” (2000, p. 145). Esses acontecimentos, juntamente com a explosão do Movimento Feminista, no final da década de 60, proporcionaram um campo fértil para o questionamento de pressupostos, como a naturalização biológica, a essencialização e o universalismo, crenças que colaboravam com a manutenção das relações de submissão/opressão.

Ao trabalhar os marcadores sociais de gênero e raça, é importante saber que os papéis designados para mulheres e negros/as não são atribuições naturais ou biológicas, eles são, antes de tudo, construídos socialmente e definidos através de normas e costumes criados e reforçados por diferentes meios com a finalidade de legitimar e perpetuar as relações de dominação. Nesse sentido, a informação figura como ferramenta fundamental, que tanto pode servir para reforçar a relação de opressão, quanto para possibilitar formas de resistência.

Dessa forma, nos propomos a estudar os marcadores sociais de gênero e raça/etnia, a partir do olhar das Práticas Informacionais, conceito desenvolvido na Ciência da Informação, e que está vinculado às interações entre sujeitos e informação, em contextos onde o conhecimento é construído coletiva e socialmente, e não meramente acumulado (ARAÚJO, 2013). No entanto, entendendo que essas práticas se dão dentro de um campo social e são constantemente influenciadas pelas relações de poder, e que, além disso, acontecem por intermédio de um canal de comunicação, considerando seu sentido mais amplo, propomos a utilização do conceito de Práticas Socioinformacionais.

Assim, acredita-se que as Práticas Socioinformacionais desenvolvidas por determinado grupo – aqui representados pelas mulheres negras – podem reverberar na construção de uma Competência Crítica em Informação (BEZERRA, 2015; DOYLE, 2017; BEZERRA, SCHNEIDER & BRISOLA, 2017; BEZERRA, DOYLE, 2017), que, por sua vez, oferece subsídios para o enfrentamento das desigualdades sociais experienciadas por esses sujeitos.

Destarte, mediante o que foi exposto, este artigo tem como objetivo compreender como as Práticas Socioinformacionais desenvolvidas em ambientes digitais, pelas Feministas Negras que atuam na Bamidelê, têm contribuído para a construção de Competências Críticas em Informação que as possibilitam orientar suas ações de enfrentamento às relações de dominação/submissão de gênero e étnico/raciais. Para tanto, faremos inicialmente uma relação entre os conceitos de Práticas Informacionais com o que estamos chamando de Práticas Socioinfocomunicacionais, em seguida apresentaremos uma breve explanação do que vem a ser a Competência Crítica em Informação, para, por fim, compartilhar os resultados da pesquisa empírica.

Esse estudo foi realizado por meio de pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, onde os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas. Trata-se de uma pesquisa correlacional, que visa relacionar os conceitos de Práticas Socioinformacionais e Competência Crítica em Informação. Sendo os dados analisados através da análise temática de conteúdo (BARDIN, 1977), por meio da técnica de categorização, com base nas categorias analíticas apontadas pela pesquisa.

2 | DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS ÀS PRÁTICAS SOCIOINFORMACIONAIS

O conceito de prática advém da Etnometodologia e diz respeito a como os “fatos sociais” são constantemente produzidos pelos indivíduos. Nessa perspectiva, não existe regras, normas e estruturas que existam independentes das interações sociais, pelo contrário, tem-se a ideia de processo, ou seja, os sujeitos continuamente

atualizando regras e modelos por meio de suas ações (ARAÚJO, 2013). Segundo Lloyd (2010), as teorias da prática enfatizam que: o conhecimento é relacional e, portanto, construído; as práticas têm uma trajetória social, histórica e política, ou seja, são construídas ao longo do tempo, lugar e contexto; a construção de significado é uma negociação entre pessoas em um ambiente particular, levando à produção e reprodução de identidades e formas de interação; essa prática de compreensão exige a concentração em mais do que apenas processos internalizados, também exige compreensão na natureza experiencial do desempenho corporificado.

Esse conceito também é empregado por Bourdieu para estudar os processos culturais e sociais, refletindo as práticas nos espaços e momentos de sua produção. Trata-se, assim, de dar maior espaço aos atores, admitindo, no entanto, que nos seus gestos existe uma extensa parte de impensado, automático e de não controlado. Para Bourdieu, cada ator social é portador de um *habitus*¹ que concebe a prática (MARTELETO, 2017). Segundo o autor, para compreender as práticas dos sujeitos “[...] é preciso reconstruir o capital de esquemas informacionais que lhes permite produzir pensamentos e práticas sensatos e regulados, sem intenção de direção e obediência consciente a regras explicitamente formuladas como tais” (BOURDIEU, 2004, p. 97).

Aimportação do conceito de “prática” dos campos das ciências humanas e sociais para a Ciência da Informação acabou por representar uma profunda redefinição dos sujeitos (ARAÚJO, 2013), e possibilitou o desenvolvimento do conceito de Práticas Informacionais, que se baseia numa **abordagem sociocultural** dos estudos da informação. Sob essa nova perspectiva, o ser humano passa a ser visto não mais como usuário da informação e sim como sujeito informacional, ressaltando, dessa forma, o seu caráter de ator nesse processo (DUARTE; ARAÚJO; ANASTÁCIO DE PAULA, 2017).

Conforme González de Gomez (2004), qualquer esforço para compreensão de uma mensagem não deve estar separado do seu contexto de produção, uso e distribuição, mas sim dependente das práticas em que essas mensagens são geradas e permutáveis. De maneira parecida, Araújo (2014) aponta que a informação existe em um contexto; sua definição do termo não diz respeito apenas a mensagens, mas a uma ação. Ainda nessa perspectiva, Talja, Tuominen e Savolainen (2005) dizem que a prática informacional é um processo de busca e uso da informação constituída social e dialogicamente, e não com base nas ideias e motivações do indivíduo, ressaltando que todas as práticas humanas são sociais.

Entendendo a prática conforme apresentada por Chauí (1984, p. 20) como “modo de agir pelo qual o agente, sua ação e o produto de sua ação são termos

1 *Habitus* são disposições adquiridas e duráveis que podem levar os agentes a resistirem e a se oporem às forças do campo. Sendo o campo, um universo intermediário entre o objeto e os acontecimentos sociais, onde estariam inseridos os agentes e as instituições (SCARTEZINI, 2012).

intrinsecamente ligados e dependentes uns dos outros, não sendo possível separá-los”, e acreditando que o conhecimento “[...] é situado e socialmente construído a partir de determinada posição social, é dependente do lugar que ocupamos no gênero, na raça, na classe, na sexualidade”, propomos uma reflexão sobre o que chamamos de Práticas Socioinformacionais, o que para nós significa pensar em como o campo social influencia nessas práticas e as relações de poder que estão embutidas nas interações dos sujeitos. Assim, ao analisarmos as Práticas Socioinformacionais das mulheres, por exemplo, não podemos deixar de levar em consideração que, ainda hoje, as relações entre os gêneros são baseadas em desigualdades e permeiam qualquer interação social. Sob essa perspectiva, então, é de extrema relevância estudar os impactos sociais e culturais que o processo informacional traz para essas mulheres (ESPÍRITO SANTO, 2008).

Por outro lado, não podemos deixar de levar em consideração o momento atual em que vivemos, onde as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) têm assumido o papel de uma das principais mediadoras da informação, onde se dão várias das Práticas Socioinformacionais. Nesse sentido, devemos levar em consideração que o grande volume informacional e a alta velocidade com que as informações circulam após o desenvolvimento das TICs, torna cada vez mais necessária a aquisição de ferramentas e habilidades para a absorção, avaliação e utilização dessas informações pelos indivíduos, mas não apenas isso, precisa-se de algo mais, algo que vai além de ferramentas tecnológicas e competência para lidar com elas, faz-se necessário o desenvolvimento de um senso crítico (BEZERRA, SCHNEIDER, BRISOLA, 2017). É nesse contexto que se desenvolve o conceito de Competência Crítica em Informação.

3 | COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO

As TICs trouxeram um impacto em todo o globo, transformando a informação em um dos bens mais valorizados no mercado. O domínio e o uso crítico dessas ferramentas tornaram-se condição básica para o desenvolvimento econômico, político, social e cultural de todo e qualquer sujeito, dentre eles as mulheres (ESPÍRITO SANTO, 2008). Assim, as TICs podem ser vistas como meios pelos quais as mulheres conseguem acessar informações e, ainda, tornar essas informações disponíveis para outras mulheres (ABATH; IRELAND, 2002).

Porém, de acordo com Bezerra, Schneider e Brisola (2017), atualmente o volume e a velocidade com que a informação circula são superiores a capacidade humana de processá-la, nesse sentido, ao mesmo tempo em que o domínio operacional das ferramentas informacionais é vital, ele é sempre insuficiente, caso o sujeito não

possua um senso crítico em relação à informação que está sendo compartilhada com ele.

Assim, o conceito de Competência Crítica em Informação traz consigo, além da necessidade do domínio instrumental de dispositivos informacionais, um questionamento permanente por parte dos sujeitos sobre as informações que lhes estão sendo impostas (BRISOLA, SCHNEIDER, SILVA JÚNIOR, 2017). Por outro lado, a Competência Crítica em Informação faz referência à ideia de aprendizado ao longo da vida, de forma que o indivíduo seja capaz de lidar não apenas com os desafios tecnológicos, mas também com os econômicos e sociais (BEZERRA, 2015).

Nessa nova perspectiva crítica, a Competência Informacional é vista como “uma ferramenta essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que os indivíduos fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de efetivamente determinar o curso de suas vidas” (VITORINO, PIANTOLA, 2009, p. 136). A afirmação de Vitorino e Piantola parece, à primeira vista, um tanto quanto ingênua, uma vez que, no mundo capitalista em que vivemos, não cabe apenas ao sujeito definir o curso de sua vida, este depende de inúmeros fatores externos a sua própria vontade, no entanto, a questão chave está no fato de poder fazer “escolhas mais conscientes”, e mesmo quando não tiver escolhas, ter consciência disto.

Assim, de acordo com Brisola, Schneider e Silva Júnior (2017), a Competência Crítica em Informação deve conter em si uma rigorosa fidelidade ao primeiro princípio do método científico de Descartes, a saber, a dúvida sistemática, o que significa dizer que para que a informação seja tomada como verdadeira, não basta apenas ela ter sido proferida por alguma autoridade no assunto. Em outras palavras, a credibilidade do enunciador não assegura a verdade da informação. Fica evidente que esse princípio torna-se cada vez mais necessário nos dias atuais, marcado pelo acesso expressivo às TICs, e grandes manifestações de *Fake News*², desinformação e pós-verdade³.

Pode-se dizer que os estudos sobre Competência Crítica em Informação são baseados na contribuição sociológica da teoria crítica. Tal teoria vai “ênfatar o conflito, a desigualdade, o embate de interesses em torno da questão da informação” (ARAÚJO, 2009, p. 196). A teoria crítica, que serve de subsídio para o estudo das Competências Informacionais, tem fortes ligações com o pensamento marxista e suas revisões e adaptações para o campo cultural, realizadas por Pierre Bourdieu e

2 *Fake news* foi definida por Allcott e Gentzkow (2017, p. 213-214) como “notícias que são intencionalmente e comprovadamente falsas, podendo enganar os leitores”.

3 O termo pós-verdade foi incluído, em 2016, no dicionário Oxford e denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais.

pelos teóricos da Escola de Frankfurt (BEZERRA, 2015). Todos esses pensamentos têm em comum

[...] i) a percepção da realidade histórica como construída através de lutas de classe; ii) a sensibilidade para observar as desigualdades sociais que conformam a estrutura social em grupos dominantes e grupos dominados; e iii) o reconhecimento de que as ideias dominantes em todas as épocas e sociedades são as ideias da classe dominante, ou seja, a que detém os meios de produção material (BEZERRA, 2015).

A contribuição da teoria crítica se torna útil para a construção de competências em relação à pesquisa e apropriação da informação, uma vez que, o sujeito precisa considerar os condicionantes sociais para que possam agir de forma crítica nos regimes de informação⁴ (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002) nos quais estão inseridos (BEZERRA, 2015).

Dessa forma, acredita-se que as Práticas Socioinformacionais desenvolvidas pelos sujeitos devem ser capazes de promover a construção de uma Competência Crítica em Informação, uma competência que vai além de apenas saber utilizar as ferramentas informacionais disponíveis e das competências desenvolvidas em espaços institucionais. Uma competência construída através de Práticas Socioinformacionais cotidianas, construída coletivamente em espaços formais e informais, como é o caso dos ambientes digitais.

4 | ANÁLISE EMPÍRICA SOB ESSA ÓTICA

O campo empírico desta pesquisa foi a Bamidelê⁵ - Organização de Mulheres Negras da Paraíba. Trata-se de uma organização não governamental (ONG) composta especialmente por feministas negras, com sede em João Pessoa – PB, sendo institucionalizada em 3 de março de 2001, com o objetivo de “empreender ações e debates que fortaleçam a identidade e autoestima de mulheres afro-brasileiras, em especial das paraibanas, visando contribuir para a eliminação do racismo, do sexismo e superação das desigualdades raciais” (CARVALHO, 2013, p. 47).

De acordo com Ramos (2004), as ONGs oferecem um espaço alternativo

4 Para González de Gómez, principal autora brasileira que trabalha esse conceito, Regime de informação seria “o modo informacional dominante em uma formação social, o qual define quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição, enquanto vigentes em certo tempo, lugar e circunstância” (2012, p.43).

5 Bamidelê (bah/mih/deh/leh) é uma palavra de ancestralidade africana, mais precisamente lorubá (língua nigerocongoleza do grupo Kwa), que significa Esperança. Se aproxima do significado de “Esperançar”, que na perspectiva da organização seria: levantar-se; ir atrás; levar adiante; construir; não desistir; juntar-se com outra em defesa da efetivação plena da cidadania, principalmente das mulheres negras (BAMIDELÊ, 2018).

àqueles das práticas institucionais, como por exemplo, universidades, partidos políticos de esquerda e igreja, mas ao mesmo tempo tem essas instituições como referências. Assim, as ONGs de mulheres negras, por sua vez, representam espaços políticos e de resistência contra várias formas de opressão da sociedade, tais como racismo, sexismo, heterossexismo, discriminação de classe, intolerância religiosa e cultural, dentre outras (SANTOS, 2009). Assim, foram entrevistadas cinco mulheres, no período de outubro a dezembro de 2018, quatro entrevistas realizadas de forma presencial, gravadas em áudio, e uma por meio digital⁶, pois a entrevistada encontrava-se em outro Estado.

Iniciando por um levantamento sociodemográfico, foi possível chegar a 'que a organização é formada por mulheres mais maduras, já com vasta experiência de vida e de militância, onde o estado civil varia, mas quase todas possuem filhos. Em relação à profissão, todas elas são, de alguma forma, ligadas à educação, seja através da educação formal ou por meio de demandas sociais. A respeito da renda mensal, também se observou grande variação de remunerações, o que indica que a Bamidelê possui militantes de várias classes socioeconômicas. Percebemos ainda que as mulheres, em sua maioria, são de nível superior, algumas delas, inclusive, com alto nível educacional, o que permite que a Bamidelê mantenha um constante diálogo com a academia, se beneficiando, assim, de duas formas: desenvolvendo subsídio teórico para suas ações e tendo a oportunidade de promover o debate racial e de gênero dentro da universidade.

4.1 Análise das entrevistas

A partir dos discursos emitidos pelas entrevistadas, pudemos, em um primeiro momento, capturar a forma como as mulheres construíram e assumiram suas identidades, bem como apreender as ações institucionais promovidas pela Bamidelê para o empoderamento de outras mulheres. Em seguida, buscamos entender a construção da Competência Crítica em Informação por parte dessas mulheres e observar sua utilização nos processos diários de enfrentamento das relações de poder.

Assim, em relação às Práticas Socioinformacionais realizadas por essas mulheres, pudemos perceber que elas se dão em dois momentos, primeiro no âmbito do sujeito e, posteriormente, no âmbito da instituição. No **âmbito do sujeito**, pudemos identificar como se deu a construção das identidades dessas mulheres, o objetivo era saber como foi para as entrevistadas esse processo de se reconhecer e se afirmar como mulheres negras, destacando o papel da informação nesse processo. Dessa forma,

⁶ Para essa entrevista foi utilizado o recurso do aplicativo *WhatsApp*, onde as perguntas foram feitas de forma escrita e as respostas enviadas em forma de áudio, do mesmo modo que as entrevistas presenciais o teor de cada resposta foi conduzindo a próxima pergunta, por se tratar de uma entrevista semiestruturada.

em relação a esse tema destacaram-se nas respostas três aspectos: as marcações simbólicas; o fortalecimento em grupo; e o acesso à informação/conhecimento.

Conforme dito por Woodward (2008) são as **marcações simbólicas** que diferenciam uma identidade de outras, no entanto, parece que algumas diferenças são vistas como mais importantes ou mais relevantes, especialmente em lugares e momentos particulares. Desse modo, sendo as marcações simbólicas fruto de construções sociais sobre determinado grupo, elas são por vezes utilizadas como legitimadoras às relações de submissão/opressão.

Assim, ao serem questionadas sobre a construção de suas identidades, algumas mulheres citaram situações de violência simbólica que as fizeram despertar para sua condição de “diferentes”. Essas diferenças eram sentidas em razão de suas características físicas, de sua classe social e até mesmo de sua condição de mulher. Além disso, elas também destacaram vários momentos em que a sociedade tentou mascarar suas características étnico-raciais, utilizando termos como morenas ou invés de negra, por exemplo.

O exposto pelas entrevistadas confirma o caráter construído das identidades, onde a sociedade marca determinados grupos com estigmas difíceis de serem superados. Nesse sentido, as entrevistas confirmam o que diz Lloyd (2010), quando aponta que as práticas possuem uma trajetória social, histórica e política, ou seja, são construídas ao longo do tempo, lugar e contexto, onde a construção de significado é uma ‘negociação’ entre pessoas em um ambiente particular, que leva à produção e reprodução de identidades.

Assim, segundo Barbosa (2016), para que a mulher negra possa emancipar-se é necessário dois fatores principais que as estruturam, a saber: a consciência política, que faz a mulher negra ser protagonista da sua própria história; e a ação transformadora e afirmação identitária de mulher negra, o que só é possível através da elevação da autoestima que foi desestruturada pelo estigma, estereótipos e marginalidade, ou seja, pelas marcações simbólicas, que foram depositados na população negra, em especial nas mulheres.

Esses momentos de discriminação e opressão/submissão vividos por essas mulheres, fizeram com que elas procurassem algum tipo de apoio, e foi a partir do **fortalecimento coletivo**, que elas revelaram encontrar forças para subsidiar seus enfrentamentos diários e assumir suas identidades. Nesses grupos, essas mulheres acharam sustentação e, o mais importante, informação. Pode-se dizer também que, atualmente, esse fortalecimento coletivo pode ser proporcionado tanto em contatos presenciais quanto em ambientes digitais, onde são identificados grupos virtuais, em diversas redes sociais digitais, que discutem as demandas específicas dessas mulheres.

Sendo as Práticas Socioinformacionais uma ação que se constitui em

determinado campo social, nesses espaços alternativos de construção de saberes, essas mulheres puderam confrontar suas experiências individuais com a experiência coletiva, o que lhes permitiram ressignificar as informações que possuíam.

Outro fator apontado pelas entrevistadas como contribuição à sua afirmação identitária foi o **acesso à informação/conhecimento**. Pode-se dizer que esse acesso se deu de duas formas: primeiro no contato com outros/as militantes dentro dos movimentos sociais, onde puderam trocar experiências e construir estratégias de enfrentamento diário; e segundo no incentivo que as mulheres receberam para ir em busca de formação, sendo o ambiente digital campo fértil para esse intuito.

A informação deve ser entendida aqui, conforme explica Eggert-Steindel (1994), como um instrumento gerador de mudança, que possibilita transformações tanto em nível individual quanto coletivo; dessa forma, o acesso à informação/conhecimento é condição primeira para o empoderamento feminino. Nesse sentido, concordamos com Abath e Ireland (2002), quando diz que a mulher só alcançará o empoderamento se for capaz de melhorar seus status nas três dimensões do poder – a econômica, a política e a social – o que só é possível através do uso da informação e do conhecimento.

Após entendermos a relação das mulheres com a informação e o papel desta na construção de suas identidades, passamos a investigar as Práticas Socioinformacionais empreendidas por elas no **âmbito da instituição**, a fim de compreender se/como essas práticas contribuem para a construção da Competência Crítica em Informação.

Assim, no que se trata da **mediação da informação**, pudemos constatar que a Bamidelê desenvolve uma série de ações educativas e formativas, tais como palestras, campanhas, oficinas, feiras de saúde, capacitações, rodas de diálogos, seminários, produção de material didático, dentre outras coisas, sempre com foco nas temáticas de saúde (sexual, reprodutiva e da população negra), educação, direitos sexuais, direitos humanos e ações afirmativas.

Nas ações citadas, as mulheres empreendem as mais diversas Práticas Socioinformacionais, que vão desde a organização de eventos à produção de conteúdo para oficinas. Nesse sentido, uma das funções mais desempenhadas pelas militantes é a de educadora/multiplicadora. Todas as entrevistadas, mesmo àquelas que informaram ter cargos de coordenação, sinalizaram em suas atribuições o “apoio às formações”. Assim, podemos dizer que a Bamidelê é uma ONG que empreende ações políticas, com foco em educar e conscientizar, nesse sentido, suas associadas acreditam que as estruturas de poder e as relações de opressão/submissão só podem ser subvertidas através da educação. Outra informação que nos chamou a atenção foi a preocupação da ONG em capacitar lideranças, dessa forma, essas mulheres podem levar para seus grupos conhecimento/informação e

assim se fortalecerem para reivindicar suas próprias demandas.

Para cumprir seu papel de mediadora da informação a Bamidelê, por intermédio de suas militantes, fazem buscas constantes por informação, onde o ambiente digital, atualmente, figura como um dos campos mais férteis para essa prática. Sendo assim, investigamos as **fontes informacionais** utilizadas pelas militantes nas suas demandas coletivas e individuais, ou seja, nas ações da ONG e na vida cotidiana. Para os trabalhos desenvolvidos na organização, as mulheres destacaram como fontes de informações livros, revistas especializadas, dados de pesquisas oficiais, como o censo, a relação com outras ONGs, a participação em congressos, e, em especial, a internet.

Além disso, elas apontaram como sendo muito importante o contato com outras ONGs, pois possibilita a troca de informações e experiências, assim elas podem compartilhar e construir conhecimentos juntas. Pudemos perceber, ainda, que as mulheres que possuem ligações com a academia, sobretudo àquelas ligadas à docência, ocupam uma posição de provedora de conteúdo para os projetos da organização, assim elas são vistas como referências pelas outras mulheres, e, portanto, acabam tornando-se também fontes de informação.

Em relação à produção de conteúdo para a aplicação dos projetos, constatamos que, a partir de um determinado momento da história da ONG, as mulheres começaram a organizar esse conteúdo para que ele pudesse ser acessado posteriormente, iniciando, assim, um arquivo dos assuntos que são foco das suas ações. No entanto, sempre que há a necessidade de utilização desse conteúdo, existe a preocupação das militantes no sentido de adaptar as informações que serão utilizadas para a realidade em que ela será aplicada, em um esforço de garantir sua total compreensão e atender assim os objetivos propostos em cada projeto. Isso porque a realidade vivida pelas mulheres também configura como fonte de informação, e deve ser levada em consideração, a fim de se obter uma relação de complementaridade entre teorias e prática.

Conforme visto nas falas apresentadas, os livros são vistos como a fonte que traz para os projetos o embasamento teórico e científico necessário para legitimar as ações da organização, porém, é a internet que traz a ação potencializadora para o campo informacional. Nesse sentido, ela traz consigo um grande volume informacional e uma alta velocidade de circulação da informação, o que torna necessário, segundo Bezerra, Schneider e Brisola (2017), a aquisição de ferramentas e habilidades para a absorção, avaliação e utilização dessas informações, o que, aparentemente, a Bamidelê parece possuir, uma vez que demonstrou saber onde buscar as informações e como utilizá-las para subsidiar a elaboração de seus projetos.

Outro fator importante está no fato da própria ONG se configurar como fonte de informação, isso porque percebemos que, além das mulheres que procuram

a Bamidelê em busca de apoio para seus enfrentamentos diários, a organização tem sido muito procurada como campo empírico de pesquisa ou objeto de estudo para trabalhos acadêmicos, como foi o nosso caso. Nos últimos quatro anos houve uma média de um trabalho por ano abordando a organização, entre trabalhos de conclusão de cursos e dissertações, que tivemos conhecimento – ressaltando-se que todos estes trabalhos, posteriormente, foram disponibilizados em ambientes digitais para futuras consultas.

Em relação às fontes informacionais utilizadas pelas militantes no seu dia a dia, as respostas não foram muito diferentes das que obtivemos em relação às fontes utilizadas pela organização. A diferença está na ênfase do papel da internet, que hoje se configura como uma das principais fontes informacionais para as pessoas. No caso das militantes da Bamidelê, a internet é essencial pelo fato de facilitar o acesso a conteúdos específicos sobre sua condição de mulher, e, principalmente, de mulher negra, nesse sentido, os *blogs* de mulheres negras têm se destacado trazendo discussões importantíssimas para o empoderamento dessas mulheres.

Ao longo das entrevistas as mulheres alegaram algumas dificuldades, tanto em nível individual quanto coletivo, que, a nosso ver, resultam em **barreiras informacionais**. A maioria dessas dificuldades gira em torno de questões financeiras ou de financiamento. Em nível individual, as mulheres argumentam que hoje não possuem mais condições de manter assinaturas de revistas, de comprar livros, por outro lado, também não possuem mais condições de participar de congressos, isso devido à perda de poder aquisitivo e da falta de incentivo financeiro do Governo nos últimos anos. Em nível coletivo, a Bamidelê está passando por uma grande dificuldade financeira, primeiro porque os órgãos de financiamento social acabaram deixando o país, acreditando que o país estava caminhando com seus próprios pés, como de fato estava, e foram desenvolver trabalhos na África e Ásia; segundo porque nos últimos anos houve um corte nos investimentos em saúde, educação e segurança, por parte do Governo Federal, o que impactou diretamente no lançamento de editais de seleção de projetos, e a Bamidelê sobrevive de projetos.

Perceba que as barreiras informacionais vão muito além de problemas técnicos ou de recuperação da informação, nesse caso, as barreiras estão intimamente ligadas às barreiras sociais, políticas e econômicas. São questões de natureza material que dificultam o alcance dos objetivos informacionais dos sujeitos da ONG. Assim, é necessário muito mais que conhecimento instrumental para que essas barreiras possam ser superadas, é preciso pensar em estratégias de enfrentamento.

Por fim, no que diz respeito à construção da Competência Crítica em Informação, foram destacados dois aspectos a partir das falas das entrevistas, o primeiro diz respeito ao **aprendizado ao longo da vida**, e o segundo as **contribuições para o enfrentamento diário** vivido por essas mulheres.

Sabendo que o conceito de Competência Crítica em Informação faz referência ao aprendizado ao longo da vida, de maneira que o indivíduo seja capaz de lidar não apenas com os desafios tecnológicos, mas também com os econômicos e sociais (BEZERRA, 2015), podemos dizer que um dos fatores que indicam se o sujeito vem desenvolvendo uma Competência Crítica em Informação é saber questionar suas **necessidades informacionais**. Assim, conforme explica Brisola, Schneider e Silva Júnior (2017, p. 7) é indispensável “um questionamento, por parte do usuário e dos mediadores da informação, sobre as necessidades informacionais de uns e outros, uma reflexão sobre o quão efetivamente necessárias seriam essas ‘necessidades’, seguida por um exame de sua hierarquia e de suas condições concretas de satisfação”.

Sendo assim, entendemos que as mulheres que procuram o apoio dos movimentos sociais, fazem antes uma reflexão sobre sua condição social e suas necessidades informacionais, mesmo que inconscientemente. Elas estão em busca de preencher algo que lhes faltam, de se fortalecerem coletivamente. Assim, a Bamidelê, por sua vez, como mediadora da informação, tenta suprir as necessidades dessas mulheres, e para isso também faz uma reflexão das necessidades informacionais do seu público-alvo, com a finalidade de, a partir disso, desenvolver ferramentas que atendam essas necessidades, promovendo o crescimento social, emocional e econômico dessas mulheres. Dessa forma, podemos dizer que a Bamidelê desempenha um papel importante na promoção das competências necessárias para que o sujeito saiba lidar com a informação.

Ao dizermos que a Competência Crítica em Informação faz referência ao aprendizado ao longo da vida, subtendemos nessa afirmação que essa competência crítica não é construída apenas nos espaços formais de construção do conhecimento, como é o caso da escola, das universidades, do trabalho, mas também em **espaços informacionais alternativos**. A própria Bamidelê se configura em um espaço informacional alternativo. Para grupos que estão em situação de opressão/submissão diante da sociedade, como é o caso das mulheres negras, esses espaços oferecem a oportunidade de resignificar as informações disseminadas pelas classes hegemônicas da sociedade, e que são responsáveis por reforçar as marcações simbólicas que marginalizam determinados grupos. Nesse sentido, as próprias instituições formais, muitas vezes, são responsáveis por perpetuar as desigualdades sociais. Por outro lado, o ambiente digital também pode ser visto como um espaço informacional alternativo, uma oportunidade de buscar conteúdos diferentes daqueles que estão sendo disponibilizados por àqueles que detêm o poder.

Outro aspecto importante relacionado à Competência Crítica em Informação é o desenvolvimento de um **senso crítico informacional** por parte dos sujeitos. Conforme explica Bezerra, Schneider e Brisola (2017) o senso crítico é o fator

cognitivo que orienta nossa ação e seleção informacional, com base nos nossos conhecimentos prévios e nas nossas demandas informacionais. Ainda segundo esses autores, o senso crítico deve articular de modo eficiente a compreensão das nossas necessidades informacionais com a identificação da informação capaz de supri-las, destacando-a da massa de informação irrelevante que a cerca. Além disso, a nosso ver, o senso crítico também é responsável por estimular uma atitude questionadora por parte dos sujeitos informacionais, no que diz respeito às informações que lhes são impostas no cotidiano, ou seja, a informação hegemônica que vem reforçar às relações de submissão/opressão às quais estamos submetidos/as.

No que tange as **contribuições para o enfrentamento diário** por parte dessas mulheres, pudemos observar que as Práticas Socioinformacionais e a construção da Competência Crítica em Informação promovem um **fortalecimento mútuo** delas, e é por meio desse fortalecimento que elas criam estratégias para vencer as barreiras sociais e informacionais que lhes são impostas no dia a dia. Esse fortalecimento mútuo, criado a partir da construção coletiva da informação, oferece oportunidade para que as mulheres se empoderem e empoderem outras, o que traz para elas a segurança e a capacidade para lidar com as relações diárias de opressão/submissão. Podemos dizer, assim, que a construção da Competência Crítica em Informação acontece a partir desse fortalecimento coletivo proporcionado pelo acesso à informação e, principalmente, às formações ministradas pela ONG, essas, em especial, contribuem com o desenvolvimento da capacidade de reflexão.

Para finalizar, outro ponto que destacamos como contribuição da Competência Crítica em Informação no enfrentamento das relações de submissão/opressão é o **uso da informação construída**. Pudemos perceber que a informação que é construída no espaço da Bamidelê ou pelos projetos da ONG, são posteriormente utilizadas pelas militantes em suas ações diárias, seja para se defender em situações de opressão, seja para esclarecer ou empoderar outras pessoas. Assim, concordamos com Vitorino e Piantola (2009, p.136) quando diz que a Competência Crítica em Informação é “uma ferramenta essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre”. Livre no ponto de vista de formar cidadãos/ãs conscientes de seu papel e seu lugar na sociedade, capazes de perceber que a marginalização que sofrem não diz respeito a essências, e sim a construções de uma sociedade que oprime e submete àqueles que consideram inferiores.

5 | CONCLUSÃO

Pudemos constatar, ao longo desse trabalho, que mulheres e negros/as tiveram, durante muito tempo, suas histórias silenciadas. São histórias de luta e resistência

contra sociedades que os oprimem e consideram suas trajetórias como secundárias. Assim, no propomos a discutir gênero e raça, a partir de uma análise das Práticas Socioinformacionais e da construção da Competência Crítica em Informação, por parte das mulheres negras militantes dos movimentos sociais, mais especificamente da Bamidelê – Organização de Mulheres Negras da Paraíba. Nosso objetivo era compreender como as Práticas Socioinformacionais desenvolvidas em ambientes digitais, pelas feministas negras, têm contribuído para a construção de Competências Críticas em Informação que as possibilitam orientar suas ações de enfrentamento às relações de dominação/submissão de gênero e étnico/raciais.

A pesquisa nos mostrou que as mulheres negras começam seu processo de construção de identidade desde muito cedo, já sofrendo as consequências da submissão/opressão que as marcações simbólicas lhes impõem, o que as fazem buscar meios fortalecimento contra aquilo que lhes oprimem. Assim, é através do encontro com seus/suas semelhantes que essas mulheres constroem sua afirmação identitária, a partir de espaços alternativos de construção de saberes que proporcionam a essas mulheres acesso à informação/conhecimento necessário para superar as desigualdades sociais, destacando o papel primordial dos ambientes digitais nesse processo.

Pudemos perceber ainda, a partir das respostas das entrevistadas, que devemos dar uma atenção especial aos espaços informacionais alternativos, pois, é a partir das Práticas Socioinformacionais desenvolvidas nesses espaços que as mulheres se fortalecem mutuamente e criam estratégias de enfrentamento com base na informação construída. Podemos dizer, então, que esses espaços são de grande valor na construção da Competência Crítica em Informação por parte dessas mulheres.

Assim, acreditando que a Competência Crítica em Informação faz referência a um aprendizado ao longo da vida, destacamos como algumas competências desenvolvidas por essas mulheres: a reflexão sobre suas necessidades informacionais; o desenvolvimento de um senso crítico informacional, no que diz respeito às informações e às situações que essas mulheres são submetidas; e o uso da informação construída como forma de empoderamento individual e coletivo. Essas competências, dentre outras, são utilizadas pelas militantes diariamente em oposição às relações de submissão/opressão às quais são submetidas.

Assim, essa pesquisa possibilitou um conhecimento no que diz respeito às desigualdades sociais às quais mulheres e negros/as estão submetidos, bem como demonstrou como as Práticas Informacionais e a Competência Crítica em Informação possuem um importante papel social, podendo ser usadas como ferramenta para minimizar os impactos de uma sociedade opressora.

REFERÊNCIAS

ABATH, Rachel Jofilly; IRELAND, Timothy. A tecnologia da informação e comunicação e o empoderamento da mulher. In: AQUINO, M. A. (Org.). **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidade**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2002.

ARAUJO, Carlos Alberto Ávila de. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3 Brasília, p. 192-204, 2009.

_____. O sujeito informacional no cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ENANCIB, 2013.

_____. O que é Ciência da Informação?. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 01-30, jan/abr 2014.

BAMIDELÊ. **BAMIDELÊ**: organização de mulheres negras (blog). Disponível em: <<http://negrasbamidele.blogspot.com/p/bamidele.html>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

BARBOSA, Karla Maria da Silva. **Feminismo e emancipação feminina**: um estudo sobre a concepção da emancipação da mulher negra na Bamidelê - Organização de Mulheres Negras da Paraíba. Dissertação (Mestrado), Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 111. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BEZERRA, Arthur Coelho. Vigilância e filtragem de conteúdo nas redes digitais: desafios para a competência crítica em informação. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 16º, 2015. João Pessoa: ANCIB, 2015.

BEZERRA, Arthur Coelho; DOYLE, Andréa. Competência crítica em informação e participação ética em comunidades de aprendizagem. **Anais do Enancib**. Marília, 2017.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; BRISOLA, Anna. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.27, n.1, p. 7-16, jan./abr. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Sao Paulo: Brasiliense, 2004.

BRISOLA, Anna Cristina; SCHNEIDER, Marco André Feldman; SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco da. Competência crítica em informação, ética intercultural da informação e cidadania global na era digital: fundamentos e complementaridades. **Anais do Enancib**. Marília, 2017.

CARVALHO, Rayssa Andrade. **O Movimento de Mulheres Negras na Paraíba**: Um olhar sobre a Bamidelê – Organização de Mulheres Negras na Paraíba (2001-2012). Monografia (Departamento de História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, p.87. 2013.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DOYLE, Andréa. **Competência em crítica em informação nas escolas ocupadas do Rio de Janeiro**. 137 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2017.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; ANASTÁCIO DE PAULA, Claudio Paixão. **PRÁTICAS INFORMACIONAIS: desafios teóricos e empíricos de pesquisa**. **Informação em**

Pauta, Fortaleza, v. 2, p. 111-135, nov. 2017.

EGGERT-STEINDEL, Gisela. Fontes de informação e a questão de gênero no cotidiano da mulher (dona de casa). **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 23, n. 2, p. 167-188, 1994.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero da Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Néida. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 31, n. 1, apr. 2002.

_____. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 55-67, 2004.

_____. REGIME DE INFORMAÇÃO: construção de um conceito. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.22, n.3, p. 43-60, set./dez. 2012

LLOYD, Annemaree. Framing information literacy as information practice: site ontology and practice theory. **Journal of Documentation**, v. 66, n. 2, p. 245-258, 2010.

MARTELETO, Regina Maria. A cultura, o conhecimento e a informação na obra de Pierre Bourdieu. In: MARTELETO, Regina Maria; PIMENTA; Ricardo Medeiros (Orgs.). **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2017. p. 29-48.

ROCHA, Elaine. A captura de novos sentidos na História – Gênero e Etnia. **Diálogos**, DHI/UEM, vol. 4, n. 4, 2000, p. 145-160.

SANTOS, Sônia Beatriz dos. As ONGs de mulheres negras no Brasil. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 275-288, jul./dez. 2009.

TALJA, Sanna; TUOMINEN, Kimmo; SAVOLAINEN, Reijo. “Isms” in Information Science: Constructivism, Collectivism and Constructionism. **Journal of Documentation**, v. 61, n. 1, 79-101, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora vozes, 2008.

SOBRE A ORGANIZADORA

Maria Izabel Machado - Possui graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2009). Em 2012 defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFPR) na linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidades” no eixo temático Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos. Em 2017 defendeu sua tese de doutorado (UFPR) também na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades, desta vez no eixo temático Gênero e Trabalho. Como pesquisadora se dedicou durante sua formação acadêmica aos temas economia solidária, gênero, trabalho e cuidado. Atualmente as pesquisas em curso se inscrevem na perspectiva pós-estruturalista e de gênero acerca da cartografia dos sujeitos no ensino superior, especialmente na formação em pedagogia. Como educadora atuou na formação de lideranças populares por meio de ONGs e outras instituições, e também com formação de professores em projetos de cultura de paz nas escolas. Atuando na docência nas redes públicas e privada desenvolveu trabalhos acerca da inclusão e segregação no ambiente escolar e com uso de literatura em sala de aula para ensino-aprendizagem de sociologia, na educação básica, especialmente no ensino médio. Atua como docente na Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Educação), participando como pesquisadora do grupo Mutamba (UFG) e do Núcleo de Estudos de Gênero (UFPR). Nesta instituição ainda desenvolve projeto de extensão interdisciplinar a partir da imbricação educação, sociedade e cultura. Contato: mariaizabelmachado@ufg.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 24, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 183

Associativismo 67, 87, 90

B

Biografias 137, 149, 150

Brincar 16, 17, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 60, 65

C

Candomblé 34, 37, 38, 39, 40, 41

Ciência e tecnologia 122, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 145, 147, 148, 150, 216

Conservadorismo 163, 173

Crianças ribeirinhas 12, 14, 16, 19, 56, 58, 59, 60, 61, 63

Cultura 2, 18, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 49, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 80, 94, 108, 111, 115, 124, 132, 157, 161, 162, 164, 165, 166, 168, 170, 171, 173, 197, 200, 217, 218

D

Desastres ambientais 79, 80

Desemprego 175, 176, 177, 180, 185, 186, 191

Desenvolvimento 11, 23, 24, 32, 44, 56, 63, 64, 70, 78, 88, 90, 110, 113, 119, 121, 126, 128, 134, 135, 136, 137, 140, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 187, 193, 200, 204, 205, 213, 214, 215

E

Enem 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 133

Ensino de sociologia 118, 125, 132

Escrita 41, 56, 60, 152, 153, 154, 156, 157, 163, 208

Espaço urbano 43, 44, 45

Estigma 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 169, 209

F

Familismo 166

G

Gênero 30, 38, 43, 106, 112, 113, 131, 133, 138, 152, 163, 185, 189, 194, 201, 202, 203, 205, 208, 215, 217, 218

Gestão de desastres 67, 76

H

Habitus 94, 95, 102, 200, 204

I

Infância 12, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 41, 42, 43, 44, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 154, 199

M

Migrações 105

Mineradoras 80, 88

P

Poder público 13, 14, 20, 67, 70, 71, 75, 82, 90

Poesia 59, 152, 153, 162

Políticas públicas 11, 20, 63, 67, 79, 80, 90, 132, 133, 134, 135, 194

Precarização 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187

Privação de liberdade 92, 93, 94, 97, 102, 103

Prosopografia 134, 135, 137, 149

R

Racismo 34, 35, 36, 107, 113, 207, 208

Representações 1, 2, 3, 5, 10, 11, 25, 26, 29, 61, 125, 191

Ribeirinhos 13, 17, 21, 80, 89

Rural 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 21, 139, 143, 166, 170

S

Saber local 67, 73, 75, 78, 91

Segregação 36, 218

Subversão 23, 28, 31

T

Terapia ocupacional 23, 24, 26, 31, 32, 33

Trabalho 1, 4, 10, 11, 12, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 43, 44, 48, 54, 63, 67, 79, 81, 92, 93, 94, 102, 105, 107, 110, 114, 115, 120, 126, 130, 136, 153, 158, 159, 164, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 196, 200, 201, 212, 213, 214, 218

Transporte escolar 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Transporte público 43, 52, 53

U

Urbano 1, 2, 4, 5, 7, 10, 11, 43, 44, 45, 52, 70, 78, 170, 171, 179

V

Vulnerabilidade social 23, 25, 31

